

# As Minas de Salomão

de Rider Haggard

(tradução de Eça de Queirós)

## INTRODUÇÃO

*Agora que este livro está impresso, e em vésperas de correr o mundo largo, começa a pesar fortemente sobre mim a desconfiança de que, para ele ser aceitável, muito lhe falta corno estilo e como história.*

*Enquanto à história, realmente, não pretendi nem tentei meter nestas páginas tudo o que fizemos e tudo o que vimos na nossa viagem à terra dos Cacuanas. Há, todavia, nesse estranho povo, coisas que mereciam exame detalhado e lento: a sua fauna, a sua flora, os seus costumes, o seu dialecto (tão aparentado com a língua dos Zulus), o magnífico sistema da sua organização militar, a sua arte subtil em trabalhar os metais... Que interessante estudo se faria, além disso, com as lendas que ouvi e coleccionei acerca das armaduras de malha que nos salvaram na batalha de Lu! Que curiosa, também, a tradição que entre eles se tem perpetuado sobre os «Silenciosos», os dois colossos que jazem à entrada das cavernas de Salomão! No entanto pareceu-me (e assim pensaram o barão Curtis e o capitão John) que seria mais eficaz contar a história a direito, e secamente, deixando todas estas particularidades sobre a região e sobre os homens para serem tratadas mais tarde, num tomo especial, com minudência e largueza.*

*Resta-me, pois, implorar a benevolência para a minha tosca maneira de escrever. Estou mais habituado a manejar a carabina do que a pena – e sempre me foi alheia a fina arte dos arrebiques e floreios literários. Talvez os livros necessitem esses floreios e ornatos: não sei nem possuo autoridade para o decidir; mas, na minha bárbara ideia, as coisas simples são as mais impressionadoras – e mais facilmente se deve acreditar e estimar o livro que venha escrito com séria e honesta singeleza. «Lança aguda não precisa brilho», diz um provérbio dos Cacuanas; e, movido por este conselho da sabedoria negra, arrisco-me a apresentar a minha história, nua, lisa, nas suas linhas verdadeiras, sem lhe pendurar por cima, para a tornar mais vistosa, os dourados galões da eloquência.*

ALÃO QUARTELMAR

# I

## ENCONTRO COM OS MEUS CAMARADAS

É bem estranho que nesta minha idade, aos cinquenta e seis anos feitos, esteja eu aqui, de pena na mão, preparando-me a redigir uma história!

Nunca imaginei que tão prodigiosa ocorrência se pudesse dar na minha vida – vida que me parece bem cheia, e vida que me parece bem longa... Sem dúvida, por a ter começado tão cedo! Com efeito, na idade em que os outros rapazes ainda soletram nos bancos da escola, já eu andava agenciando o meu pão por esta velha colônia do Cabo. E por aqui fiquei desde então, metido em negócios, em serviços, em travessias, em guerras, em trabalhos – e nessa dura profissão, que é a minha, a caça ao elefante e ao marfim. Pois, com toda esta diligência, só ultimamente, há oito meses, *arredondei o meu saco*. É um bom saco! É um saco graúdo, louvado Deus. Creio mesmo que é um tremendo saco! E apesar disso, juro que para o sentir assim, redondo e soante entre as mãos, não me arriscava a passar outra vez os transe deste terrível ano que lá vai. Não! Nem tendo a certeza de chegar ao fim com a pele intacta e com o saco cheio. Mas eu no fundo sou um tímido, detesto violências, e ando farto, refarto de aventuras!

Como dizia, pois, é coisa estranhíssima que assim me lance a escrever um livro. Não está nada no meu feitio ser homem de prosa e de letras – ainda que, como outro qualquer, aprecio as belezas da Santa Bíblia e gozo com a *História do Rei Artur e da Sua Távola Redonda*. No entanto, tenho razões, e razões consideráveis, para tomar a pena com esta mão inábil que há quase cinquenta anos maneja a carabina. Em primeiro lugar, os meus companheiros, o barão Curtis e o digno capitão da Armada Real, John Good (a quem chamo, por hábito, «o capitão John»), pediram-me para relatar e publicar a nossa jornada ao reino dos Cacuanas. Em segundo lugar, estou aqui em Durban, estirado numa cadeira, inutilizado para umas semanas, com os meus achaques nas pernas. (Desde que aquele infernal leão me traçou a coxa de lado a lado, fiquei sujeito a estas crises, todos os anos, ordinariamente pelos fins do Outono. Foi em fins de Outono que apanhei a trincadela. É duro que depois de um homem matar, no decurso da sua honrada carreira, quarenta e cinco leões, seja justamente o último, o quadragésimo sexto, que o file e use dele como de tabaco que se masca. É duro! Quebra a rotina, a estimável rotina – e para mim, pessoa de ordem, qualquer surpresa me sabe pior do que fel.) Em terceiro lugar, além de encher os meus ócios, componho esta história para meu filho Henrique, que está em Londres, interno no Hospital de S. Bartolomeu, estudando Medicina. É uma maneira de lhe mandar uma longuíssima carta que o entretenha e que o prenda. Serviço de doentes, numa enfermaria abafada e lóbrega, deve pesar intoleravelmente.

Mesmo o retalhar cadáveres termina por ser uma rotina, rica em monotonia e tédio – e assim esta história, onde tudo há menos tédio, vai, por uns dias, levar ao meu rapaz uma saudável e alegre sensação de aventuras, de viagens, de força e de vida livre. E enfim, como última razão, escrevo esta crónica, por ser, sem dúvida, a mais extraordinária que conheço – na realidade ou na fábula. Digo «extraordinária» mesmo para os leitores profissionais de romances – apesar de nela não haver mulheres, além da pobre Fulata. Há Gagula, sim. Mas esse monstro tinha cem anos, pouca forma humana, e não sensibiliza. Em todas estas duzentas páginas, realmente, não passa uma

*saia*. E todavia, assim escasso como é nas graças do feminino, não creio que exista um caso mais raro e mais cativante.

A única vez que tive de fazer publicamente uma narração foi diante dos magistrados, no Natal, quando depus como testemunha sobre a morte dos nossos serviçais Quiva e Venvogel. Por essa ocasião comecei assim, muito dignamente, com aprovação de todos, com louvores do periódico de Durban: – «Eu, Alão Quartelmar, residente em Durban, no Natal, *gentleman*, declaro e juro que...» – Não me parece, porém, que seja esta a adequada maneira de principiar um livro. Além disso, posso eu afirmar, em tipo de imprensa, que «sou um *gentleman*»? O que é um *gentleman*? O que é ser *gentleman*? Conheço aqui cafres nus que o *são*; e conheço cavalheiros chegados de Inglaterra, com grandiosas malas e anéis de armas nos dedos, que o *não são*. Eu, pelo menos, nasci *gentleman* – apesar de me ter volvido depois num pobre e simples caçador de elefantes. Ora, se nessa carreira e nos acasos que ela me trouxe, permaneci sempre *gentleman*, não me compete a mim avaliar. Deus sabe que, com valente esforço, procurei conservar-me *gentleman* – como nascera. Tenho morto, é certo, muito homem; mas estas duas mãos, bem haja a minha fortuna, estão puras de sangue inútil. Matei para que me não matassem. O Senhor deu-nos as nossas vidas, como sagrados depósitos que lhe pertencem e que devemos defender. Guiei-me sempre por este princípio; e conto que o bom Deus, um dia, me dirá lá em cima: «*Fizeste bem, Quartelmar!*» Este mundo, meus amigos, é áspero de atravessar; e os destinos violentos impõem-se por vezes com uma lógica inexorável. Aqui estou eu, homem ordeiro, tímido, bonacheirão, que, constantemente, desde criança, me acho envolvido em carnificinas! Felizmente nunca roubei. Uma ocasião, e verdade, abalei com quatro vacas que pertenciam a um cafre. Mas o cafre tinha-me rapinado sordidamente – e desde então essas quatro vacas trago-as sempre na consciência. Só quatro vacas. Pois têm-me pesado mais que uma manada de gado!

Foi há dezoito meses, pouco mais ou menos, que encontrei os dois homens que deviam ser meus companheiros nesta aventura singular à terra dos Cacuanas. Nesse Outono, eu andara numa grande batida aos elefantes, para lá do distrito de Bamanguato. Tudo nessa expedição me correu mal, e por fim apanhei as febres. Mal me pude ter nas pernas, larguei para as minas de diamantes (as diamanteiras), vendi o marfim que trazia, passei o carrão e o gado, debandei os caçadores, e tomei a diligência para o Cabo. Ao fim de uma semana, no Cabo, descobri que o hotel me roubava infamemente: além disso, já vira todas as curiosidades, desde o novo Jardim Botânico que há-de certamente conferir grandes benefícios à cidade, até ao novo Palácio do Parlamento que, tenho a certeza, não há-de conferir benefícios nenhuns; de sorte que decidi, voltar para o Natal pelo *Dunkeld*, pequeno vapor costeiro que estava nas docas à espera do pacote de Inglaterra, o *Edinburgh Castle*. Tomei passagem, e fui para bordo. Nessa tarde chegou o *Edinburgh Castle*: os passageiros que trazia para o Natal transbordaram para o *Dunkeld*, e levantámos ferro ao pôr-do-sol.

Entre os passageiros de Inglaterra que mudaram para o *Dunkeld* havia dois que me despertaram logo certo interesse. Um deles, um homenzarrão de perto de trinta e cinco anos, tinha os ombros mais cheios e os braços mais musculosos que eu até aí encontrara, mesmo em estátuas. Além disso, cabelos ondedados e cor de ouro; barbas ondedadas e cor de ouro; feições aquilinas e de corte altivo; olhos pardos, cheios de firmeza e de honestidade. Varão esplêndido que me fez pensar nos antigos dinamarqueses. Para dizer a verdade, dinamarqueses só conheci um, moderno, horripelmente moderno, que me estafou dez libras; mas lembro-me de ter admirado um quadro, *Os Antigos Dinamarqueses*, em que havia homens assim, de grandes barbas amarelas e olhos claros, bebendo num bosque de carvalhos por grandes cornos

que empinavam à boca. Este cavalheiro (vim a saber depois) era um inglês, um fidalgo, um *baronet*. Chamava-se Curtis – o barão Curtis. E o que me feriu mais foi ele parecer-se extremamente com alguém que eu encontrara no interior, para além de Bamanguato. Quem?... Não me podia lembrar.

O sujeito que vinha com ele pertencia a um tipo absolutamente diferente, baixo, reforçado, trigueiro, e todo rapado. Calculei logo pelas suas maneiras que tínhamos ali um oficial de marinha; e verifiquei depois, com efeito, que era um primeiro-tenente da Armada Real, reformado em capitão-tenente, e por nome John Good. Este impressionou-me pelo apuro. Nunca conheci ninguém mais escarolado, mais escanhado, mais engomado, mais envernizado! Usava no olho direito um vidro, sem aro, sem cordel, e tão fixo que parecia natural como a pálpebra. Nem um só momento o surpreendi sem aquele vidro, e cheguei mesmo a pensar que dormia com ele cravado na órbita. Só muito tarde descobri que à noite o metia no bolso das calças – no mesmo bolso em que guardava a dentadura postiça, a mais bela, a mais perfeita dentadura que me recordo de ter contemplado, mesmo em anúncios de dentistas. E o capitão, destas, possuía duas!

Apenas nos fizemos ao largo, começou o mau tempo. Brisa forte, névoa húmida e fria. Depois cada solavanco (o *Dunkeld*, barco de fundo chato, não levava carga) que não se podia arriscar uma passada confortável na tolda. De sorte que me recolhi para junto da máquina, onde fazia um calorzinho sereno, e ali fiquei olhando para o pêndulo, que marcava, com desvios largos, o ângulo de balanço do *Dunkeld*.

– Pêndulo errado – rosou de repente uma voz ao meu lado, na sombra da noite que caía.

Olhei. Era o oficial de marinha.

– Errado, hem?... Acha? – perguntei.

– Acho o quê?... Se o vapor se inclinasse quanto marca o pêndulo, não se tornava mais a levantar... Aqui está o que eu acho. Mas é sempre assim, com estes capitães de marinha mercante...

Felizmente, nesse instante, tocou a sineta do jantar, com imenso alívio meu – porque se há, sob a cúpula dos céus, uma coisa temerosa, é a loquacidade de um oficial da marinha de guerra desabafando sobre a inépcia dos oficiais da marinha mercante. Pior do que essa coisa temerosa – só a coisa inversa!

O capitão John e eu descemos juntos para o salão. O barão Curtis já lá estava, no topo da mesa, à direita do comandante do *Dunkeld*. John acomodou-se ao lado do seu companheiro; eu defronte, onde havia dois talheres desocupados. Logo depois da sopa o comandante, com a lamentável mania dos homens de mar, começou a falar de caça. Primeiramente de caça miúda, de condores e de abutres. Depois passou a elefantes.

– Ah! comandante – exclamou ao lado um patrício meu, de Durban – para elefantes temos presente uma grande autoridade... Se há homem em África que entenda de elefantes, é aqui o nosso companheiro e amigo Alão Quartelmar.

Por acaso, nesse momento, eu pousara os olhos no barão Curtis; e notei que o meu nome, assim pregoado com a minha profissão, lhe causara emoção e surpresa. John cravou também em mim o seu vidro, com uma curiosidade que faiscava. Por fim o barão inclinou-se, através da mesa, e numa voz grave e funda, bem própria do robusto peito donde saía:

– Peço perdão – disse – mas é porventura ao sr. Alão Quartelmar que me estou agora dirigindo?

– A ele próprio.

O homenzarrão passou a mão pelas barbas, e distintamente, muito distintamente, o ouvi murmurar: «Ainda bem!»

Não se passou mais nada até ao doce. Mas fiquei ruminando aquele espanto e aquele «ainda bem».

Depois do café, enchia o meu cachimbo para subir à tolda, quando o barão, com os seus modos sérios e lentos, se adiantou para mim, e me convidou «a passar ao seu beliche, tomar um grogue, e conversar...» Aceitei. O barão ocupava um camarote de tolda, o melhor do *Dunkeld*, espaçoso, arejado, com um sofá, espelhos, e duas largas cadeiras de verga. O capitão John viera também. Todos três nos sentámos, acendendo os cachimbos, enquanto o moço corria pelos grogues.

Houve primeiramente um silêncio. Outro criado entrou, a acender o candeeiro. Por fim, apareceram os grogues.

O barão Curtis, então, passou a mão pelas barbas, nesse jeito que lhe era costumado, e voltando-se bruscamente:

– Diga-me uma coisa, sr. Quartelmar... Aqui há dois anos, por este tempo, estive num sítio chamado Bamanguato, ao norte do Transval. Não é verdade?

– Perfeitamente – respondi eu, pasmado de que aquele cavalheiro se achasse, no seu condado, em Inglaterra, tão bem informado das jornadas que eu fazia no Sul de África!

– A negócio, hem? – acudiu o capitão John.

– Sim, senhor, a negócio. Levei uma carregação de fazendas, acampeei, fora da feitoria, e lá fiquei até liquidar.

O barão conservou, durante um momento, pregados em mim os seus olhos cinzentos e largos. Pareceu-me que havia neles ansiedade e temor.

– E diga-me, encontrou aí, em Bamanguato, um homem chamado Neville?

– Encontrei. Estive acampado ao meu lado durante uns quinze dias, a descansar o gado antes de meter para o Norte. Aqui há meses recebi eu uma carta de um procurador, perguntando-me se sabia o que era feito desse sujeito... Respondi como pude...

– Bem sei! – atalhou o barão. – Li a sua resposta. Dizia o sr. Quartelmar que esse sujeito Neville partira de Bamanguato, no princípio de Maio, num carrão, com um serviçal e um caçador cafre chamado Jim, tencionando puxar até Iniati, última estação na terra dos Matabeles, para de lá seguir a pé, depois de vender o carrão. O sr. Quartelmar acrescentava que o carrão decerto o vendera ele, porque seis meses depois vira-o em poder de um português. Esse português não se lembrava bem do nome do homem a quem o comprara. Sabia só que era um branco, e que se metera para o mato com um cafre...

– É verdade – murmurei eu.

Houve outro silêncio, que eu enchi com um sorvo ao grogue. Por fim o barão prosseguiu, com os olhos sempre cravados em mim, insistentes e ansiosos:

– O sr. Quartelmar não sabe quais fossem as razões que levaram assim esse sujeito Neville para o Norte?... Não sabe qual era o fim da jornada?

– Ouvi alguma coisa a esse respeito – murmurei.

E calei-me prudentemente, porque nos íamos avizinhandos de um ponto em que, por motivos antigos e graves, eu não desejava bulir.

O barão voltou-se para o seu companheiro, como para o consultar. O outro, por entre a fumaça do cachimbo, baixou a cabeça num *sim* mudo. Então o meu homenzarrão, decidido, abriu os braços, desabafou:

– Sr. Quartelmar, vou-lhe fazer uma confidência! Vou-lhe mesmo pedir o seu conselho, e talvez o seu auxílio... O agente que me remeteu a sua carta afiançou-me que eu podia confiar absolutamente no Sr. Quartelmar, que é um homem de bem, discreto como poucos, e respeitado como nenhum em toda a colónia do Natal.

Dei um sorvo tremendo ao conhaque, para esconder o meu embaraço – porque sou extremamente modesto.

– Sr. Quartelmar – concluiu o barão – esse sujeito chamado Neville era meu irmão.

– Ah! – exclamei.

Com efeito! Agora, agora recordava eu bem com quem o barão se parecia! Era com esse Neville. Somente o outro tinha menos corpo, e a barba escura. Mas nos olhos havia a mesma franqueza, e havia a mesma decisão.

– Era meu irmão – continuou o barão. – Meu irmão mais novo, e único. Até aqui há cinco anos, vivemos sempre juntos. Depois um dia, desgraçadamente, tivemos uma questão, uma terrível questão. E para lhe dizer a verdade toda, sr. Quartelmar, eu comportei-me para com meu irmão da maneira mais injusta! Foi sob o impulso do despeito, da cólera, é certo... Mas, em suma, comportei-me injustamente.

– Cruelmente – murmurou do lado o capitão John, que fumava com os olhos cerrados.

– Cruelmente, com efeito. Como o sr. Quartelmar sabe, em Inglaterra, quando um homem morre sem testamento e não tem senão bens de raiz, tudo passa para o filho mais velho. Ora sucedeu que meu pai morreu exactamente quando meu irmão Jorge e eu estávamos assim de mal. Herdei tudo; e meu irmão, que não tinha profissão, nem habilitações, ficou sem real. O meu dever, está claro, era criar-lhe uma situação independente. É o que todos os dias se faz em Inglaterra, nesses casos. Mas por esse tempo, a nossa questão estava em carne viva. Eu não lhe ofereci nada. Ele também, orgulhoso, sobretudo brioso, nada pediu. Assim ficámos, de longe, eu rico e ele pobre... Peço perdão de o fatigar com estes detalhes, sr. Quartelmar, mas preciso pôr as coisas bem claras... Não é verdade, John?

– Escrupulosamente claras! – acudiu o outro. – De resto, o nosso amigo Quartelmar guarda para si esta história...

– Pudera! – exclamei.

– Pois bem – continuou o barão – meu irmão possuía de seu, nessa época, umas duzentas libras. Um belo dia, agarra nesta miséria, toma o nome de Neville, e abala para África a tentar fortuna! Eu só o soube mais tarde, meses depois de ele ter embarcado.

Passaram três anos. Notícias dele, nenhuma. Comecei a andar inquieto. Escrevi-lhe. Naturalmente as minhas cartas não lhe chegaram. E eu cada dia mais aflito! Para o sr. Quartelmar compreender tudo bem, deve saber que, desde pequeno, desde o berço, meu irmão foi a forte e grande afeição da minha vida. E, por outro lado, a nossa questão, assim amarga e áspera por sermos ambos muito novos e muito exaltados, nasceu de quê? De uma mulher cujo nome já quase me esqueceu. E meu pobre irmão, coitado, se ainda é vivo, não se lembrará mais do que eu. Ora aqui tem! E já por isto o sr. Quartelmar compreende...

– Perfeitamente, perfeitamente...

– Pois bem, descobrir meu irmão passou a ser a minha ideia constante, dia e noite. Mandeí fazer aqui, no Cabo, toda a sorte de pesquisas. Um dos resultados, o mais importante, foi a sua carta, sr. Quartelmar. Importante porque me dava a certeza que, meses antes, meu irmão estava na África, e vivo. Desde esse momento decidi vir eu mesmo, pessoalmente, continuar as pesquisas. Agentes, por mais dedicados, mais bem pagos, não têm o interesse de coração: é com o coração justamente que eu conto, com a perspicácia, a inspiração especial que ele às vezes possui. De resto, sempre tencionei visitar as nossas colónias de África... E aqui tem o sr. Quartelmar a minha história. O mais extraordinário, é que o tivéssemos encontrado logo, a si, a pessoa

justamente que viu meu irmão vivo, a pessoa justamente a quem eu me ia dirigir apenas chegasse ao Natal. Quer que lhe diga? Acho bom agouro. Em todo o caso, aqui estou, pronto para tudo, com o meu velho amigo, o capitão John, companheiro fiel de muitos anos, que teve a dedicação de me acompanhar.

O outro encolheu os ombros, sorrindo, com a sua esplêndida dentadura.

– Não havia neste momento nada interessante a fazer na velha Europa!... Gasta, insipidíssima, a velha Europa!

Depois, reenchendo o cachimbo, acrescentou muito sério:

– E agora que o nosso amigo Quartelmar conhece os motivos que nos trazem à África, e o interesse que nos prende a esse homem chamado Neville, espero da sua lealdade que não terá dúvida em nos dizer tudo o que sabe, ou tudo o que ouviu, a respeito dele. Hem?

Impressionado, respondi:

– Não tenho dúvida, por ser questão de sentimento.



## II

### PRIMEIRA NOTÍCIA DAS MINAS DE SALOMÃO

Sacudi a cinza do cachimbo na palma da mão, e comecei, muito devagar, para tudo pôr bem claro e exacto:

– Aqui está o que ouvi a respeito desse cavalheiro Neville.. E isto, que me lembre, nunca, até ao dia de hoje, o disse a ninguém. Ouvi que esse cavalheiro fora para o interior à busca das minas de Salomão.

Os dois homens olharam para mim, com assombro:

– As minas de Salomão!? Que minas?... Onde são?

– Onde são, não sei. Sei apenas onde *dizem que estão*. Aqui há anos vi de longe os dois picos dos montes que, segundo corre, lhes servem de muralha. Mas entre mim e os montes, meus senhores, havia duzentas milhas de deserto. E esse deserto, meus senhores, nunca houve ninguém (quero dizer, homem branco) que o atravessasse, a não ser um, noutras eras. Porque toda esta história vem muito de trás, de há séculos! Eu não tenho dúvida em a contar, mas com uma condição: é que os cavalheiros não a hão-de transmitir sem minha autorização. Tenho para isso razões, e fortes. Estão os cavalheiros de acordo?

– Com certeza!

Narrei então, longamente, tudo o que sabia, história ou fábula, sobre as minas de Salomão. Foi há trinta anos que pela primeira vez ouvi falar destas minas a um caçador de elefantes, um homem muito sério, muito indagador, que recolhera assim, nas suas jornadas através de África, tradições e lendas singularmente curiosas. Tinha-me eu encontrado com ele na terra dos Matabeles, numa das minhas primeiras expedições ao interior, à busca do elefante e do marfim. Chamava-se Evans. Era um dos melhores caçadores de África. Foi estupidamente morto por um búfalo, e está enterrado junto às quedas do Zambeze.

Pois uma noite, sentados à fogueira, no mato, sucedeu mencionar eu a esse Evans umas construções extraordinárias com que casualmente dera, andando à caça do *koodoo* por aquela. região que forma hoje o distrito de Lidemburgo, no Transval. Essas obras foram depois encontradas, e aproveitadas até, pela gente que veio trabalhar as minas de ouro. Mas ninguém (quero dizer, nenhum branco) as tinha visto antes de mim. Era uma estrada enorme, magnífica, cortada na rocha viva, levando a uma galeria sem fim, metida pela terra dentro, toda de tijolo, e com grandes pedregulhos de minério de ouro empilhados à entrada. Obra extraordinária! E a raça que a fizera desaparecera, sem deixar um nome, nem outro vestígio de si, além daquela galeria, que revelava um grande saber, uma grande indústria e uma grande força.

– Curioso! – murmurou Evans. – Mas conheço melhor!

E contou-me então que no interior, muito no interior, descobrira ele uma cidade antiquíssima, toda em ruínas, que tinha a certeza de ser Ofir, a famosa Ofir da Bíblia. Lembro-me bem a impressão e o assombro com que eu escutei a história dessa cidade fenícia perdida no sertão de África, com os seus restos de palácios, de piscinas, de templos, de colunas derrocadas!...

Mas depois Evans ficara calado, cismando. De repente diz:

Tu já ouviste falar das serras de Suliman, umas grandes serras que ficam para além do território de Machuculumbe, a noroeste?

– Não, nunca ouvi.  
– Pois, meu rapaz, aí é que Salomão verdadeiramente tinha as suas minas, as suas minas de diamantes!  
– Como se sabe?  
– Como se sabe!? Tem graça! Sabe-se perfeitamente. O que é *Suliman* senão uma corrupção de *Salomão*? O nome das serras, realmente, sempre foi *serras* de Salomão. Além disso, uma feiticeira do distrito de Manica, uma velha de mais de cem anos, contou-me tudo... Isto é, contou-me que para lá das serras vive um povo que é da raça dos Zulus, e fala um dialecto zulu: mas como força, e corpulência, e coragem, vale mais que os Zulus. Pois nesse povo há videntes, grandes feiticeiros, que de geração em geração têm trazido o segredo de uma mina prodigiosa, que foi de um rei branco, muito antigo, e que ainda hoje está cheia de pedras brancas que reluzem... De sorte que não há dúvida nenhuma.

Para mim havia toda a dúvida. As ruínas de Ofir interessavam-me, como da nossa crença e da Bíblia: mas das minas de *pedras brancas que reluzem*, conhecidas em segredo por feiticeiros zulus, teria certamente rido se não fora o respeito devido a um caçador tão digno como Evans. De madrugada Evans partiu a acabar tristemente nas pontas de um búfalo. E não pensei mais em Salomão, nem nas suas minas de diamantes.

Aqui há vinte anos, porém, num encontro muito singular que tive no distrito de Manica, de novo ouvi falar das minas de Salomão, e de um modo que para sempre me devia impressionar. Era num sítio chamado a «aringa de Sitanda». Não há pior em toda a África. Fruta nenhuma, caça nenhuma, tudo seco, tudo triste – e os pretos vendem os ossos de um frango por fazenda que vale uma vaca.

Apanhei lá um ataque de febre, e estava fraquíssimo, enfasiadíssimo, quando me apareceu um dia um português de Lourenço Marques, acompanhado por um serviçal mestiço. Entre os portugueses de Lourenço Marques – há sofrível e há péssimo. Mas este era dos melhores que eu vira – um homem muito alto e muito magro, de belos olhos negros, os bigodes já grisalhos todos retorcidos, e umas maneiras graves que me fizeram pensar nos velhos fidalgos portugueses que aqui vieram há séculos e de que tanto se lê nas histórias. Conversámos bastante nessa noite, porque ele falava um bocado de mau inglês, eu um bocado de mau português; e soube que se chamava José Silveira, e que possuía uma fazenda ao pé da cidade, em Lourenço Marques.

Na manhã seguinte, cedo, antes de partir com o mestiço, acordou-me para se despedir, de chapéu na mão, cortês e grave como os antigos, os que tinham *Dom*.

– Até mais ver, camarada!

– Boa viagem! Até mais ver!

O homem conservava pregados em mim os grandes olhos negros, que rebrilhavam. Depois acrescentou muito sério:

– Se nos tornarmos outra vez a encontrar, hei-de ser a pessoa mais rica deste mundo! E pode contar, camarada, que não me hei-de esquecer de si! Nem ri. Estava debilitado para rir. Fiquei estirado na manta, olhando para o estranho homem que, a grandes passadas, com a cabeça alta e cheia de esperança, se metia pelo mato dentro.

Passou uma semana, e melhorei da febre. Uma tarde achava-me sentado no chão defronte da barraca, rilhando a última perna de um desses frangos que os pretos me vendiam por chita do valor de uma vaca, e pasmando para o enorme disco de Sol que descia ao fundo do deserto –quando de repente avistei, escura sobre a vermelhidão do poente, numa elevação do terreno, a figura de um homem que era certamente europeu porque trazia um casacão comprido. No mesmo momento em que eu dera com os olhos nele, o homem oscila, cai de bruços e começa a arrastar-se pelo chão,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

